

As mulheres de peneda

Angelita Guesser¹

Universidade Federal de Pelotas

Amália

O rapaz de trinta e poucos anos, cabelo negro jogado para o lado direito não tirava os olhos de Amália, exceto para rabiscar algo no caderno em suas mãos. Olhava com tanto encantamento que até a constrangeria. Ela já tinha o corpo preparado para a dura realidade de quem carrega a história de seus antepassados. Negra de olhos bem azuis, parecido com as penas de um pássaro azul da montanha, cujo canto a seduzia quando criança, sentia-se atrelada à ignorância daqueles que tentam voar sem sequer saber andar. Com o mesmo cuidado que sua falecida mãe lhe ensinara, Amália lentamente sentou-se ao lado do rapaz. Como em uma nova novela, que conta uma história de amor e juventude, ela imigrante angolana, persistente como as raízes de uma árvore na aridez do deserto, tremeu ao ver seus grandes olhos azuis nos rabiscos no caderno do rapaz.

Laura

Laura levantou com o pé esquerdo. Firmou não só o pé, mas o corpo inteiro na beira da cama. Com o coração arraigado, estriado, não queria saber de conselhos. Tereza, que não percebia os recados da irmã, ligava religiosamente todas as manhãs. O telefone tocou, mas naquela manhã de julho, não se preocupou em atender. Talvez há uns dois meses e meio ou três, não saberia precisar, viu o rasante de uma águia e ficou fascinada pela sensação de liberdade que o deslizar do animal pelo céu lhe trouxe. Suas asas pareciam tocar a lua, mesmo à luz do dia. Mas a vida não lhe trouxe um terço do fascínio descrito naquele voo, ou nos filmes que zapeava no catálogo do streaming, e a verdade era que Laura ainda estava imóvel, sentada na beirada da cama, e nada, absolutamente nada lhe vinha à mente. Observava o pó escorrer pelos móveis, o assoalho descascando e um pequeno raio de luz que invadia o retângulo escuro. Colocou a ponta do dedo na

¹ Pseudônimo de Tania Angelita Iora Guesser, doutoranda em Letras/Literatura na Universidade Federal de Pelotas – PPGFL/UFPEL. Psicóloga, bacharel em Direito e mestre em Política Social pela UCPel, tem dois livros de poesia publicados: *Foda-se* (Ed. Autora, 2020) e *Entre um Eco e Outro* (Ed. Letramento, 2020). E-mail: taniaiora.guesser@gmail.com.

linha amarela que desenhou tons de luz em sua pele. Iluminada a carne, deixou aparente os traços da idade. Laura já tinha esquecido sua própria aparência. Cambaleando foi até o corredor, já fazia sete anos que quebrara o último espelho da casa — repetiu isto tantas vezes que até começou a acreditar em azar.

Lagares

Quando Lagares saiu de casa naquela madrugada gelada de dezembro, carregava apenas as roupas do corpo. Depois do fim da vida de sua irmã, sem a menor vontade ou possibilidade de mergulhar novamente, semelhante a uma sombra quando se apagam as luzes, sumiu. Além dos trapos colados ao corpo, levava também, uma dúzia ou mais de cicatrizes. A maioria, não era aparente. Íntimas. Algumas não chegavam a medir um centímetro, mas sua profundidade ultrapassava de longe o cerne de sua alma. Dia após dia, com passos lentos enquanto seguia o caminho, a mulher tocava-as. Senti-las de baixo para cima e, logo depois, de cima para baixo, era como sentir-se em casa, sentir-se colada ao corpo da irmã que tanto amava. Os dias e os anos foram passando, assim como as cicatrizes, que aos poucos foram desaparecendo sem que Lagares percebesse. Certo dia, com seus pés cansados de tanto voar, sentou-se em um banco roto na praça para apreciar um casal de meninas que brincava perto do lago de peixes dourados. De súbito, lembrou--se de suas cicatrizes e num frenético desespero por não as sentir mais, como só conhecia o cinza, voltou para casa, a fim de recuperar suas memórias.